

CONTRAPONTO

intervir nos mercados?

Esta crise é mais um colapso do capitalismo?

NÃO

Lucas Mendes

Economista com MBA em gestão empresarial. Mestrando em Filosofia pela UFSM

No meio do furacão que devassa a economia mundial parece haver um insistente consenso entre jornalistas, economistas e autoridades: a crise é do capitalismo! Em outras palavras, querem dizer que o livre mercado é em si gerador de surtos irracionais de crescimento e euforia que fatalmente conduz à uma situação insustentável que, para corrigi-la, somente a ação do Estado regulador.

Este curioso ar de unanimidade é, porém, falso. Uma leitura, mesmo que rápida, nos escritos dos economistas austríacos, começando por Ludwig von Mises num de seus tratados de 1912, verifica-se que a grande causa das crises econômicas como a de 1929 e esta que estamos vivendo não é fruto do tão falado liberalismo econômico, mas sim do intervencionismo estatal, ou seja, da ausência de liberalismo econômico.

Os economistas austríacos notaram que quando o governo injeta moeda em excesso na economia - e ele tem vários meios para fazer isto, seja imprimindo moeda papel, seja gastando mais que arrecada, seja baixando os juros a canetaço - ele estará sinalizando aos agentes econômicos que existe mais poupança para investimento do que a realmente existente (existe uma lei econômica que revela que sem poupança não há investimento).

Portanto, estas intervenções estatais têm um influente poder de decidir os rumos da economia. O problema é que estas medidas artificiais de impulsionar o crescimento trazem consigo um custo altíssimo. Injetar moeda na economia é como dar álcool para o alcoólatra. No início gera euforia; se insistir, resultará numa cirrose hepática, para dizer o mínimo. Na realidade, é o Estado "regulador" distorcendo o livre mercado.

É o que ocorre quando o governo injeta moeda no sistema econômico. No início mais pessoas têm acesso ao crédito, o dinheiro fica barato, projetos de investimentos que antes da política artificial eram inviáveis, agora se tornam

viáveis. O cálculo econômico utilizado pelos investidores sinaliza que os planos de investimentos em unidades de produção devem ser levados a cabo.

Todos correm em busca de crédito, pois ele existe e está barato, e inicia-se uma fase de expansão. O problema, é que se o governo levar adiante esta medida, em breve haverá um impulso inflacionário. Então, mais cedo ou mais tarde o governo se vê obrigado a adotar políticas restritivas como aumento dos juros, menores gastos públicos e menos tinta na impressora da casa da moeda. Retardar estas contenções só agrava a situação. É o remédio amargo necessário para repor a economia nos trilhos da realidade, de onde nunca deveria ter saído. Isto

quer dizer que mais intervenção do Estado só agrava a situação, como ocorreu na crise de 1929.

Esta crise do *subprime* americano que se espalhou pelo planeta, foi gerada pelas crescentes facilidades geradas pelo FED (Banco Central Americano). Graças à ação estatal, mais pagadores tiveram amplo acesso ao crédito.

Houve a bolha e agora ela inevitavelmente estourou. Portanto, nada de crise do capitalismo ou das "forças irracionais do mercado". É a mais estrita crise das forças irracionais do Estado intervencionista. Contrariamente ao que reza o *mainstream* econômico, afastá-lo do sistema, inclusive neste momento de crise, é a alternativa mais sensata.

"A crise é das forças irracionais do Estado que intervém"

